

Secretário-geral da ONU alude aos casos de Moçambique e Angola

Cinco menções a Angola, três a Moçambique, constaram do discurso proferido no passado dia 22 do corrente, pelo secretário-geral das Nações Unidas, Boutros-Ghali, perante as «Grandes Conferência Católica» — forum de ideias belgas cujo último orador convidado há cerca de um mês, foi o presidente Mário Soares — consistiu numa exposição pormenorizada sobre a acção passada e futura das Nações Unidas (ONU).

Os exemplos angolano e moçambicano foram citados nos contextos das novas funções cometidas à organização além da manutenção da paz.

Estas incluem missões de verificação, vigilância de processos eleitorais, fiscalização e zelar pelo respeito dos direitos do homem.

Boutros Ghali devolveu à Comunidade Internacional algumas das críticas de que

tem sido alvo sobre a alegada impotência da ONU para resolver alguns dos conflitos mundiais.

«A paz é um fenómeno que a todos diz respeito e não apenas às Nações Unidas», declarou, denunciando o que considerou como «falta de coerência política e diplomática» dos países membros da Organização.

Incoerentes do ponto de vista político, por raramente assumirem posições claras perante os conflitos, sustentou, incoerentes no plano diplomático, quando não assumem as consequências de anteriores decisões políticas, acrescentou.

Nos dois últimos anos, referiu, verificou-se uma explosão das operações de manutenção de paz pelas Forças de Interposição da ONU «Capacetes Azuis».

O orçamento anual da Organização sofreu um aumento de 500 por cento,

passando de 600 milhões de dólares, em 1991, a 2,8 mil milhões de dólares em 1993.

Mas as operações previstas para este ano custarão 4,3 mil milhões de dólares, advertiu.

Presentemente, o número de efectivo da ONU — militares, políticas e civis — enviados para vários pontos do Mundo é de 66 mil. As novas operações a lançar na Somália, na Bósnia-Herzegovina e na Macedónia implicarão um aumento deste número em 40 mil militares.

Pelo que, sublinhou Boutros Ghali, «os Estados membros devem fornecer os meios necessários».

No entanto, o responsável número «um» pela acção das Nações Unidas mostrou-se receptivo ao pensar do estatuto das instituições dependentes da instituição.

Relembrando o estatuto

inicial desta última na época em que foi criada — regular a paz entre as nações no respeito pela soberania nacional — sustentou que a tarefa da ONU se encontra, agora, consideravelmente dificultada.

«O Mundo que é o nosso, hoje, é o da paz e da guerra no interior das nações», recordou.

Boutros Ghali manteve já encontros com responsáveis da NATO, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica, um dos países que contribuem para os contingentes militares da ONU estacionados na Somália e em território da ex-Jugoslávia.

No dia 23 deste mês, reuniu-se igualmente com o presidente da Comissão Europeia, com quem retomou as discussões sobre a situação no Camboja, na Somália e na Bósnia-Herzegovina.